BAKHTIN E O CÍRCULO: ENTORNOS DIALÓGICO-DISCURSIVOS SOBRE O ATO E A ALTERIDADE

BAKHTIN AND THE CIRCLE: DIALOGICAL-DISCURSIVE ENVIRONMENTS ON ACT AND ALTERITY

Wilder Kleber Fernandes de Santana[1]

Pablo Vinícius de Brito Lima[2]

RESUMO: O presente trabalho analisou a importância do ato e da alteridade nos escritos de Mikhail Bakhtin e o círculo, através dos quais é possível perceber entornos dialógico-discursivos no processo de construção ética e estética. Sob essa perspectiva, o sujeito e a linguagem que este mobiliza tornam-se de fundamental importância para que se desenvolvam princípios com base na Análise Dialógica do Discurso. Para a análise dialógica, delimitou-se uma charge intitulada *Fruto da árvore* (2014), de autoria de Mike Waters.
Palavras-chave**:** ato; alteridade; linguagem.
ABSTRACT: This paper analyzed the importance of act and alterity in the writings of Mikhail Bakhtin and the circle through which it is possible to perceive dialogical-discursive environments in the process of ethical and aesthetic construction. Under such perspective, the subject and the language that he mobilizes become of fundamental importance for the development of principles based on the Dialogical Analysis of Discourse. For the dialogical analysis, a cartoon titled *Fruit of the Tree* (2014), by Mike Waters, was delimited.
Keywords: act; otherness; language.

---

[1] Doutorando, UFPb.
[2] Mestrando, UFPb.

1. INTRODUÇÃO

Durante bastante tempo, as grandes tradições filosóficas de base aristotélica e cartesiana construíram a ideia de um sujeito uno, egocêntrico, isolado de qualquer relação que ultrapassasse os limites do sujeito em si. A existência do sujeito esteve, nesse prisma interpretativo, ligada à máxima *je tout-puissant*[3], enraizado em um plano determinativo de abcissas e ordenadas. O sujeito, assim, refletia-se como um indivíduo tracejado, linearmente determinado. Tal perspectiva se faz importante para a compreensão do percurso teórico-metodológico em que houve declínio do eu-para-mim e ascensão do eu-para-outro e outro-para-mim[4].

De acordo com Wilder Santana (2018), já na passagem do século XIX para XX, em grande parte da Europa e especificamente na Rússia, esteve em vigência um sistema de ensino puramente formal, tanto em centros universitários quanto nas escolas, em níveis fundamental e médio. O pesquisador pontua que alguns grupos, na Rússia, a exemplo da Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOYAZ), propunham um estudo cuja bandeira fosse a distinção entre linguagem prática e linguagem poética[5]. Integravam esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, "Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-

---

[3] Eu, todo poderoso.

[4] Essas três categorias, *eu-para-mim, eu-para-outro e outro-para-mim*, são desenvolvidas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, especificamente em Estética da Criação Verbal, para fazer referência aos modos de orientação do(s) sujeito(s) em suas relações sociais. O sujeito, inserido em relações alteritárias, em diversas épocas, esteve direcionado em *eu-para-mim*, quando voltou-se para seu próprio egocentrismo, suas vontades e seus prazeres, a exemplo da tendência humanista antropocêntrica. Já as duas outras categorias (eu-para-outro e outro-para-mim) são percebidas com mais intensidade em sociedades em que as pessoas se preocupam mais com o outro, remetem-se ao alheio para significar, para (con)viver.

[5] Nas palavras de Sheilla Grilo, em Ensaio introdutório a *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (Volóchinov (2017, p. 42), essa proposta foi considerada imprecisa por Iakubínski, "que se lança a investigar as diferentes formas do enunciado discursivo (*retchevoe viskázivanie*) em particular a distinção entre monólogo e diálogo."

1959), Viktor Vinográdov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)" (GRILLO, 2017, p. 42).

Contrariamente aos sistemas filosóficos aristotélico, cartesiano e formalista russo, nossa pesquisa se fundamentará nas propostas dos estudiosos e pesquisadores Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédev (1891-1938), integrantes do Círculo de Bakhtin.

Dentre diversos autores/pensadores que atentaram para as relações entre o *eu* e o *outro*, Mikhail Bakhtin se destaca como um dos que pensou tal relação sob o viés da linguagem em seu caráter filosófico. Desse modo, conceitos como dialogismo ou monologismo tornam-se caros para a compreensão das críticas[6] a fenômenos existentes no campo da teoria literária e da filosofia da linguagem. Os horizontes das especulações de Bakhtin no rito (in)acabado *vida-arte-vida*[7] tornam concretos seus objetivos, os quais se condensam em problematizar a vivência do sujeito. Encontra, então, espaço propício para seus dizeres, em Ciências Humanas, na Literatura, pois ali não estaria sob repressão, nas amarras do exílio.

Este estudo se insere em uma área de investigação sobre a alteridade, em que recorremos aos pressupostos teóricos metodológicos de Bakhtin (2010, 2006), Volóchinov (2017) e Medviédev (2016) para alcance de nosso objetivo, que foi realizar um estudo teórico-analítico da alteridade enquanto categoria bakhtiniana, dada a esfera das Ciências Humanas.

O trabalho foi dividido em seções, nas quais discutimos sobre: a) Princípios do ato responsável e a instauração da alteridade e em seguida incidimos na b) Análise

[6] A crítica feita por Bakhtin situa-se historicamente em um momento no qual a produção literária russa, através da perspectiva adotada pelos formalistas, tendenciava ao estudo da arte e da literatura por si mesmas. O filósofo defendia que essa abordagem imanente da arte literária desconsiderava algo essencial ao processo de criação artística, que é a relação entre o conteúdo, a forma, o autor e sua articulação com o mundo à sua volta.
[7] Expressão que denota a relação necessária (proposta por Bakhtin) existente entre a vida e a arte. O sujeito, situado na vida, cria, insere-se na arte, e assim enriquece a vida.

dialógico-discursiva, em que delimitamos uma charge intitulada *Fruto da árvore* (2014), de autoria de Mike Waters.

2. PRINCÍPIOS DO ATO RESPONSÁVEL E A INSTAURAÇÃO DA ALTERIDADE

Em diversos momentos da história (examinem-se os textos de Aristóteles, Descartes, Comte, Heidegger, Freud, por exemplo), o processo de criação artística e/ou científica foi idealizado como fruto de um ato individual do sujeito. Segundo essa ideia, um romance, um poema, uma pintura, ou ainda um tratado, um projeto medicinal, ou exame clínico psiquiátrico, partiriam de uma criação singular, isenta de qualquer influência externa que de algum modo pudesse incidir resultados sobre o ser/objeto/produto-processo. No entanto, não atentavam os autores supracitados para o fato de que, em cada ato/criação ética, estética ou cognitiva, está uma presença outra, que está para além de um eu-única-instância. Esta presença, apesar de nem sempre ser claramente demarcada e visível, é parte essencial à constituição do ser humano.

Porém, é a partir do século XIX, com intensidade no século XX, que irrompem estudos que irão privilegiar o papel social do Outro, como um ser essencial no processo de construção/constituição do eu. Dentre diversos autores/pensadores que atentaram para as relações entre o *eu* e o *outro*, Bakhtin destaca-se como "o pensador mais impressionantemente produtivo nas Ciências Humanas a emergir na Rússia soviética e um dos mais significativos teóricos da literatura no século XX" (RENFREW, 2017, p. 13).

Uma vez que esteve inserido durante grande parte de sua vida em um sistema político russo ditatorial, niilista, encontrou na linguagem literária a oportunidade para seus dizeres, em reação ao sistema vigente. Vale salientar que seu caráter filosófico e

estudos em cultura e literatura o impulsionaram a refletir e produzir em territórios pouco explorados, como *a poética de Dostoievski*. De acordo com o pensamento de Bakhtin, conceber uma criação artística isolada das relações existentes entre o *eu e o outro* implica em um distanciamento de suas especificidades e características fundamentais, uma vez que se endereça apenas ao estudo do objeto por si mesmo, desconsiderando qualquer outro fator que possa fazer parte de sua composição.

Sua crítica situa-se historicamente em um momento no qual a produção literária russa, através da perspectiva adotada pelos formalistas, tendenciava ao estudo imanente da arte e da literatura. O filósofo soviético defendia que essa abordagem formalista da arte desconsiderava algo essencial ao processo de criação artística, que é a relação entre o conteúdo, a forma, o autor e sua articulação com o mundo à sua volta (BAKHTIN, 2010).

Nesse direcionamento, apesar de não compreender o ato de criação destituído de sua relação com o *outro*, Bakhtin não exclui a responsabilidade individual do ser. Entretanto, o que este denomina de singularidade nada tem a ver com o indivíduo egoísta, muito pelo contrário. A individualidade observada pelo filósofo diz respeito ao agir responsável do *eu* frente ao *outro,* que, por sua vez, não é simplesmente uma outra pessoa, mas um outro ser cujo posicionamento incide sobre o meu e permeia o meu agir responsável.

No início da década de 1920, em que Bakhtin esboça um projeto o qual se traduz para língua portuguesa como *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, o autor soviético descreve o encontro (necessário) de dois mundos naturalmente separados: o mundo da cultura e o mundo da vida. O primeiro corresponde a tudo aquilo que faz parte do domínio da arte, da ciência ou da história; já o segundo, por sua vez, contempla o mundo em que vivemos, morremos, aprendemos e construímos nossa personalidade. Ao olhar para esses mundos distintos e, por conseguinte, para o seu encontro na realização do ato, Bakhtin afirma:

> O ato da atividade de cada um, da experiência que cada um vive, olha, como um Jano bifronte, em duas direções opostas: para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a singularidade irrepetível da vida que se vive, mas não há um plano unitário e único em que as duas faces se determinam reciprocamente em relação a uma unidade única. Somente o evento singular do existir no seu efetuar-se pode constituir esta unidade única; tudo o que é teórico ou estético deve ser determinado como momento do evento singular do existir, embora não mais, é claro, em termos teóricos ou estéticos. (BAKHTIN, 2010, p. 43).

Desse modo, o que caracteriza o ato criador do texto não é o fator teórico ou estético em si, mas a mobilização realizada pelo autor ao pôr em um único plano unitário e singular o conteúdo e o Ser, superando, assim, a divisão existente entre cultura e vida. A partir dessa observação, há duas categorias presentes no pensamento bakhtiniano que são relevantes no que concerne ao ato, seriam estas a responsabilidade e a responsividade[8].

A alteridade é um dos aspectos essenciais em meio às relações interconstitutivas do ser, *do eu para com o outro*, o qual me constitui. Nas trilhas de Marilia Amorim (2001), é em torno da questão da alteridade que está o cerne das condições de produção de conhecimentos. Alteridade, na perspectiva de Bakhtin e do Círculo, diz respeito à constituição do indivíduo a partir do seu contato com o outro, pois é através da palavra alheia que ele se altera constantemente e modifica o seu ser. Sabendo disto, aquilo que diz respeito ao ser-evento provém do mundo exterior à sua consciência pela boca dos outros (da mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. O sujeito recebe as palavras, as formas e a tonalidade para a formação dos sentidos múltiplos em horizonte e ambiente (BAKHTIN, 2006).

---

[8] Enquanto a responsabilidade é construída como um princípio integrador do sujeito, na ótica de Bakhtin e o círculo, ou seja, é a constituição de sua racionalidade, a responsividade está mais voltada para o dirigir-se a outro(s), a qual delimita a construção de enunciados existentes em prol de serem resposta ativa a outros que os antecedem.

Este processo é essencialmente social, por isso a nossa necessidade em interagir com o próximo, uma vez que desde o nosso nascimento não somos proprietários exclusivos de nossa individualidade. Até mesmo ao nos posicionarmos sobre determinado assunto, buscamos em diferentes opiniões algo que possamos entrar em concordância para então postularmos a nossa. Assim, nos constituímos nas relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, pensamentos e cosmovisões.

É a partir da compreensão de alteridade apresentada anteriormente que Amorim (2001) levanta afirmações importantes para reenunciação e desenvolvimento de pressupostos bakhtinianos, tais como os *efeitos de conhecimento que se tem sobre o outro* e *a necessidade de um interlocutor para compreensão do(s) enunciado(s)*. Tais movências dialógicas, na mobilização de conhecimentos e do efetivo estado de criação-contemplação, são discutidas por Bakhtin, em seu projeto inicial *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010), e aprofundadas em textos da coletânea *Estética da Criação Verbal* (2006), como o encontro de dois mundos naturalmente separados, o mundo da cultura e o mundo da vida.

Para Bakhtin (2010), cada pensamento, com o seu respectivo conteúdo, é um ato singular responsável do sujeito. Esses pensamentos compõem a vida em sua unicidade, uma vez que cada experiência vivenciada traduz um momento do viver-agir. Sem pensamento o homem seria um ser fechado à sua própria existência, um cativo do tempo e de sua estrutura biológica. É pelo pensamento, por este ato singular responsável, que o mundo se abre ao meu redor, se torna apto de ser vivenciado, proporcionando a mim o domínio da minha própria vida. Sob esse prisma, enquanto ato, o pensamento é composto de duas partes: o conteúdo-sentido, que compreende a palavra-conceito; e minha consciência real de um ser humano singular, expressa pelo meu tom emotivo-volitivo na historicidade concreta de sua realização. São estas duas partes indissociáveis que compõem o ato responsável.

Tão fundamental quanto a noção de compreensão responsável, é, na obra do filósofo, a noção de compreensão responsiva. Estar frente ao outro e à sua respectiva palavra implica na impossibilidade de compreendê-lo como um objeto mudo e destituído de sentidos, pois, se assim fosse, haveria apenas um sujeito cognoscente, contemplador. O processo de estar frente ao outro, de ouvi-lo, não se resume ao ato mecanizado de uma escuta vazia. Ao contrário, esta escuta "fala", tem a sua potência do dizer e, ainda que não haja uma resposta imediata e direta, a palavra-outra incidirá no sujeito de modo a fazer com que este aja ativamente através de um pensamento participante no ato de compreensão. É impossível a cada um agir, pensar, desejar, como se estivesse fora de si e, do mesmo modo, é impossível apagar o outro da participação que ele tem na constituição dos meus pensamentos, do meu agir, do meu ser. Assim,

> Cada um ocupa o centro de uma arquitetônica na qual o outro entra inevitavelmente em jogo nas interações dos três momentos essenciais de tal arquitetônica, e portanto do eu, segundo a qual se constituem e se dispõem todos os valores, os significados e as relações espaço-temporais. Esses são todos caracterizados em termos de alteridade e são: eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim. (PONZIO, 2010, p. 23).

Esta arquitetônica exerce um papel central na vida humana, uma vez que é através da alteridade que o indivíduo, a partir do seu contato com o *outro*, com a palavra outra, altera e modifica o seu interior. É um processo essencialmente social, o que motiva a nossa necessidade de interagir com o próximo, uma vez que desde o nosso nascimento não somos proprietários exclusivos de nossa individualidade. Sendo assim, ao nos posicionarmos sobre determinado assunto, buscarmos em diferentes opiniões algo com o qual possamos entrar em concordância ou discordância para então postularmos o nosso pensar, estaremos nos constituindo nas relações alteritárias e valorativas com outros sujeitos, pensamentos e cosmovisões.

Pouco tempo depois, em *O autor e o herói/O autor e a personagem na atividade estética* (texto presente na coletânea *Estética da Criação Verbal*) Bakhtin, dentre outras coisas essenciais à compreensão de sua concepção estética, amplia e aprofunda os estudos presentes em *Para uma Filosofia do Ato Responsável* e incide sobre a distinção entre autor pessoa de autor-criador, em que introduz a questão do autor-contemplador nos estudos em literatura. Sempre partindo dos domínios éticos (da vida) para pensar esteticamente (na arte) sobre a vida, o filósofo propõe, no segundo capítulo de *Estética da Criação Verbal* (2006), intitulado "A forma espacial da personagem", um encontro que se concretiza em ambos os domínios do agir:

> Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar — a cabeça, o rosto, e sua expressão —, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, 2006, p. 21).

Nas palavras do teórico, esse excedente de visão condiciona-se em um processo interconstitutivo: pela singularidade e pela insubstitutibilidade do ser no mundo. Na ótica de Alastair Renfrew, Bakhtin "oferece um modo de compreender a relação complexa entre texto e mundo com base na presença do(s) sujeito(s) humano(s) sem entrar em complô com teorias cruas, unidimensionais de intencionalidade" (RENFREW, 2017, p. 15).

Há nesse encontro uma mútua necessidade de interconstituição. O sujeito necessita de um outro ser para enxergar a si mesmo, conhecer tudo aquilo que é impossível de ser visto através de seus próprios olhos. Esse outro ser também necessita de uma outra apreciação sobre ele para então encontrar-se enquanto

homem. Bakhtin também afirma que esse excedente da visão do sujeito, de seu conhecimento, só é possível por meio do contato com outro indivíduo a partir do seu lugar no mundo, lugar este que é único, pois é condicionado pela minha singularidade e insubstitutibilidade.

3. O GÊNERO DISCURSIVO CHARGE

O item discursivo charge é de origem francesa, e foi inicialmente pensado para denotar sentido de carga, peso, ou exagero nas expressões. Quanto aos estudos de gênero, conforme já apontado Santana (2017), entende-se por charge *um tipo de enunciado* que se caracteriza por exagerar nos elementos e detalhes do caráter de alguém/algo, para torná-lo cômico, engraçado, humorístico. Infere o autor que, enquanto gênero discursivo, esta deve ser analisada não apenas em avaliação de seus aspectos morfossintáticos, mas sobretudo os elementos axiológicos presentes em sua construção dialógica. Isso significa que a axiologia alteritária consiste na remissão valorada, em que se recupera(m) o(s) discurso(s) outro(s) que se faz(em) presente(s) neste discurso, que o(s) atravessa(m), aqui e agora.

Os processos de valoração presentes na charge se condensam na esfera ética, uma vez que são criadas personagens com características humanas, em proliferação de seus discursos. Estes são mobilizados de forma responsavelmente axiológica. Nas palavras de Santana (2017), o valor axiológico que um autor-contemplador pode atribuir a uma obra, ao lê-la, concluí-la e delimitá-la com seus tons emotivos-volitivos, consiste em transferir a esse objeto os diálogos existentes em seu interior, ou seja, o estabelecimento de vínculos desta com outras obras/vozes/valorações.

Em perspectiva alteritária bakhtiniana, não há como os sujeitos do discurso vivenciarem suas enunciações para si mesmos, ao contrário, o vivenciamento de uma

postura axiológica consiste na presença constitutiva do outro (outros enunciados que atravessam os discursos que profiro). Assim, "a(s) crítica(s) presente(s) na charge torna(m)-se nítida(s) ao leitor quando são levados em conta fatores dialógicos, assim como os entornos que engendram o enunciado, em sua arquitetônica. A vida e a arte estão inter-relacionadas por fronteiras de expressividade" (SANTANA, 2017, p. 64), e nesse direcionamento alcançam-se os sentidos múltiplos que estão representados pelo verbo-visual.

A partir dos pressupostos de Bakhtin em "Os gêneros do discurso", presente na coletânea *Estética da Criação Verbal* (2006), podemos classificar a charge como estando dentro dos gêneros secundários ou mais complexos, uma vez que aparecem em circunstâncias de comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída. Na ótica de Santana (2017), esta modalidade enunciativo-discursiva se utiliza da ironia ou de situações absurdas para composição de seu todo, e geralmente é preciso um raciocínio mais elaborado para compreendê-la. É nesse direcionamento argumentativo que se expõe o *corpus* de nossa análise.

4. A CHARGE EM ANÁLISE: PERSPECTIVAS SOBRE A ALTERIDADE

Para concretização de nosso ato analítico, delimitamos como *corpus* a charge *Fruto da árvore* (2014), de Mike Waters, em sua densidade dialógico-discursiva, na ressonância de outras vozes — orquestração de múltiplas vozes. Através das reenunciações interdiscursivas o objeto foi (en)formado, nas vias de seu acontecimento responsivo ativo.

Fruto da Árvore

Fonte: http://www.portalfiel.com.br/charges/311-fruto-da-arvore.html

Algumas materialidades enunciativas exigem do leitor determinados conhecimentos sobre diferentes áreas do saber, tais quais a política, a história, a religião, atualidades, dentre outras, para o alcance da compreensão responsiva ativa do objeto em análise. A charge aqui explanada se enquadra nessa exemplificação, uma vez que se trata de um gênero polissêmico. Sua arquitetônica (conteúdo, forma e material) evoca uma série de observações acerca de temas linguístico-discursivos que são construídos tanto no campo verbal quanto extraverbal.

No processo de acabamento da charge *Fruto da árvore* (2014), Mike Waters não só atua na criação, mas sobretudo correlaciona os fios dialógicos entre a parte e o todo: os sujeitos, a partir do seu ato responsável, são interseccionados pela instantaneidade de ser/Ser na/pela linguagem, instante no qual os sujeitos se constituem: um através do outro, no plano da enunciação.

Na charge pode ser observado o diálogo entre os dois personagens que se encontram em um ambiente de trabalho, o que se justifica pelas roupas utilizadas por eles e, principalmente, pela construção do cenário à sua volta, o qual é preenchido por mesas, aparelhos digitais, bilhetes, lápis, livro, armário, dentre outros. Então, assim se configuram os elementos componentes do todo verbo-visual:

À esquerda da expansão enunciativa chargística, o homem de gravata azul que segura na mão um copo amarelo indica ao seu interlocutor, com expressão de seriedade, um caminho para *saber algo sobre Deus*. Para tanto, este homem, que é sujeito da enunciação, profere as seguintes palavras: "... Mas, se você realmente quiser saber algo sobre Deus, ou se você precisar de alguém com quem orar, peça ao *Mcintosh* ali! *Ele tem o bom fruto!*" (grifos do autor). Ainda que tenhamos acesso apenas a essas palavras e não a palavras anteriores, supõe-se que a mensagem em questão seja uma réplica a um diálogo previamente construído, pois o discurso se inicia pela conjunção adversativa "mas", o que implica que anteriormente ambos dialogavam sobre a ideia de "conhecer a Deus", o que justifica iniciar o período com esse operador argumentativo. Na expansão da direita, o personagem que escuta se projeta atentamente para o lugar apontado pelo enunciador.

As diferenciações de posicionamento na linguagem permeiam os sentidos múltiplos na unificação dialogal: os mundos que se confrontam convergem para uma compreensão responsiva ativa. Em prisma bakhtiniano,

> ... essa comunhão ou participação não penetra seu aspecto de conteúdo-sentido, que pretende ser capaz de alcançar plena e definitiva autodeterminação dentro da unidade deste ou daquele domínio de sentido ou significado (ciência, arte, história), embora, como mostramos, esses domínios objetivos, separados do ato que os põe em comunhão com o Ser, não são realidades com respeito ao seu sentido ou significado. E, como resultado, dois mundos se confrontam, dois mundos que não têm absolutamente comunicação um com o outro e que são mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida... (BAKHTIN, 2010, p. 66).

O agente da enunciação, ao proferir suas palavras, aponta para uma figura ao fundo da imagem. Esta trata-se de uma árvore, porém com características humanas, estando vestida de gravata, e possuindo uma boca, um nariz e dois olhos. Esta árvore, bem como seus frutos, na medida em que gerem tons de acababilidade semântico-axiológica, possuem importância central na construção arquitetônica da charge, uma vez que nos deparamos não apenas com um simples personagem, mas com símbolos profundamente relevantes dentro do discurso bíblico cristão. Um dos discursos bíblicos que atravessam o constructo enunciativo se encontra logo abaixo do teor imagético. Na ótica de Santana,

> A responsividade consiste no agir ético em que os sujeitos da enunciação se responsabilizam pelo que proferem, permitindo-se serem claros ao(s) outro(s), e este(s) se insere(m) na história enquanto agente(s) racionalmente ativo(s). Assim, a concretude da compreensão responsiva-ativa, em uma charge, está no dialogismo, quando o leitor é capaz de compreender o que perpassa aquela construção de vozes presentes, vozes situadas historicamente, revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão múltiplos sentidos. (SANTANA, 2017, p. 63).

O autor-criador, para complementar os sentidos múltiplos existentes na correlação dialógica entre os elementos e o todo do enunciado, reenuncia um provérbio enunciado por Salomão: "O fruto da retidão é árvore de vida, e aquele que conquista almas é sábio" (SALOMÃO. Provérbios 11.30, 2012). Posto que os escritos salomônicos intitulados *Provérbios de Salomão* constituem-se como preceitos e conselhos à comunidade de Israel em contexto veterotestamentário, podemos inferir que, com a expressão *O fruto da retidão é árvore de vida,* faz referência a princípios morais e éticos de obediência e seguimento às leis instituídas por Moisés.

Quando o autor reenuncia Pv. 11.30 (2012), torna-se notório o atravessamento com os próprios frutos que estão nomeados na árvore, os quais são *alegria, benignidade, bondade, paz e amor.* Tais substantivos foram reacentuados da epístola do apóstolo Paulo de Tarso aos Gálatas (Gal. 5 .22-23, 2012), em que discursa sobre o

que seja o fruto do Espírito, em contraposição aos frutos da carne: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”.

No diálogo que se constrói, as personagens da charge, ao recorrerem a outras vozes, não apenas testificam de uma perspectiva bakhtiniana da alteridade, como também assumem sua própria assinatura, conferindo um horizonte axiológico ao que dizem, já que “as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posições axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais” (FARACO, 2009). Os sujeitos, no momento em que reacentuam temáticas já solidificadas por uma coletividade, o fazem “em seus próprios termos”, pelos quais tem de se responsabilizar (SOBRAL, 2009).

Os demonstrativos de ato e alteridade, na ótica de Bakhtin, configuram

> A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, a concordância, suas eternas fronteiras e matizes (mas não limitações lógicas nem ressalvas meramente objetais), sobreposições do sentido sobre sentido, da voz sobre a voz, intensificação pela fusão (mas não identificação), combinação de muitas vozes (um corredor de vozes), a compreensão que completa, a saída para além dos limites do compreensível, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 327).

Há, ainda, na Bíblia Cristã, um conjunto de livros adotados pelos cristãos como sendo uma compilação de escrituras sagradas, dois textos fundamentais que ilustram o significado desses símbolos, dentre os quais podemos citar o registro de João acerca das palavras de Jesus, (Jo 15. 5, 2002), em que enuncia a *Parábola da videira*: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer”.

No fluxo enérgico dos dizeres que constituem a charge (um ato responsivo que engloba outros atos), podemos recorrer a algumas reflexões de Sobral, para quem

> [o] ato como conceito é o aspecto geral do agir humano, enquanto os atos são seu aspecto como particular, concreto. Todos os atos têm em comum alguns elementos: um sujeito que age, um lugar em que esse sujeito age, e um momento em que age. Isso se aplica tanto aos atos realizados na presença de outros sujeitos como os atos realizados sem a presença de outros sujeitos, aos atos cognitivos que não tenham expressão linguística, etc. Falar de ato, portanto, pressupõe dois planos, um plano de generalidade, dos atos em geral, e um plano de particularidade, de cada ato particular, planos esses que estão necessariamente interrelacionados. (SOBRAL, 2009, p. 24).

Podemos, portanto, depreender que, no dialogismo constituinte do todo verbo-visual, o autor-criador da charge mobiliza elementos para a construção da arquitetônica do enunciado a fim de atribuir sentidos múltiplos, quais sejam: um aconselhamento, entre dois personagens, em que um aponta para o outro, enunciativamente, uma série de contextos práticos de vida, em representação do fruto do Espírito.

5. CONCLUSÃO

Para Bakhtin e o círculo, cada ato, nos processos de criação ética, estética ou cognitiva, se dá através de uma relação entre dois elementos essenciais: o eu e o outro. Nesse prisma, esses dois elementos estão em constante processo de interconstituição, no qual, por meio da palavra outra, estabelecem relações alteritárias.

Com o intuito de averiguarmos os princípios do ato na criação estética, recorremos a alguns textos de Bakhtin e alguns membros do círculo, os quais subsidiaram nossos dizeres. Para percepção do ato concreto de nossas palavras, selecionamos a charge *Fruto da árvore* (2014), do autor Mike Waters, a fim de observarmos os princípios que regem as relações alteritárias e, então, identificar as marcas enunciativas presentes que apontam para símbolos e acontecimentos. Há,

portanto, na charge, a presença da palavra outra sendo representada pela construção imagética da árvore com os seus devidos frutos. Esse recurso visual, que chega ao leitor da charge, traduz a visão que o sujeito da enunciação tem desse outro ser, do seu modo de vida. Percebe-se, então, que na construção da charge são importantes, para a compreensão do leitor, o tom avaliativo, as assinaturas linguístico-discursivas, e principalmente a dimensão extraverbal do enunciado, como os símbolos e a remissão a outras vozes.

Nossas assinaturas atestam e corroboram o princípio de que cada pensamento é um ato singular responsável do sujeito, através do qual ele demonstra sua unicidade a partir das experiências adquiridas e construídas em seu viver-agir. Defende-se, ainda, que estar frente ao outro e à sua palavra não implica numa escuta vazia, pois é impossível desconsiderar sua participação na constituição dos meus pensamentos, do meu agir-ser. Desse modo, podemos observar que a construção do seu posicionamento axiológico vem por meio da palavra-outra, cuja alternância de endereçamentos enunciativos promoverá a compreensão responsiva ativa a partir da mobilização de outros saberes que a constituem.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marilia. *O pesquisador e seu outro:* Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, Mikhail M. O autor e o herói. In BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal.* Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária. (1924). In BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A Teoria do Romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. Questões de literatura e de estética. In BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. A Teoria do Romance. Equipe de tradução (do russo) Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BÍBLIA SAGRADA (*Bíblia de Jerusalém*). Trad. do texto em Língua Portuguesa diretamente dos originais. Nova Edição Revista e Ampliada. 2. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo***:** as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GRILLO, Sheila. Marxismo e Filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. (p. 42). In VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

MEDVIÉDEV, Pavel Nicholaievitch. *O Método Formal nos estudos literários***:** introdução a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016 [1928].

PONZIO, Augusto. Prefácio. In BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Trad. Marcos Marcionillo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes. Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos. In PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira; SILVEIRA, Éderson Luís**.** *O Ensino na Educação Básica*: Diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

_________. *A contrapalavra no gênero charge***:** uma análise a partir de Bakhtin e o círculo. Revista Prolíngua — ISSN 1983- 9979. Volume 12 — Número 2 — out/dez de 2017.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero***:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLOSHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

WATERS, Mike. *Fruto da Árvore*. Charge. 2014. Disponível em: http://www.portalfiel.com.br/charges/311-fruto-da-arvore.html. Acesso em: 24.07.2018.

Recebido em 01/08/2018
Aceito em 26/08/2018